

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

119

INSCRIÇÕES 509-511



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA
2014

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE PLACA FUNERÁRIA ROMANA DE
ÓBIDOS (*Conventus Scallabitanus*)

Fragmento de placa de calcário róseo, que, a ter possuído molduração, lhe foi por completo amputada por ocasião da reutilização. Superfície epigrafada alisada.

Foi recolhido em Amoreira de Óbidos (concelho de Óbidos) por Carlos Pereira, numa actividade da Associação Espeleológica de Óbidos, que consistiu, conforme pode ler-se no respectivo relatório, na «demolição de parte do banco existente no adro da igreja de N^a Sr^a do Aboboriz [...] com o objectivo de pôr a descoberto uma porta gótica (séculos XV/XVI), a qual se encontrava parcialmente entulhada funcionando como nicho». O trabalho foi «desenvolvido a pedido da Junta de Freguesia e com o consentimento do Pároco responsável pelo templo em questão, de forma a repor em evidência este importante vestígio patrimonial».

A epígrafe ficou à guarda da Associação, não nos tendo sido possível saber exactamente onde ora se encontra, pelo que aguardamos o seu novo achamento a fim de procedermos à sua medição, dado que as medidas não constam do relatório disponível.

A sua origem pode ser de uma *villa* ou de outra unidade romana passível de ter existido (pelo espólio identificado) nas proximidades da igreja; ou ter resultado de acção predatória de desmantelamento de materiais de construção da próxima cidade de *Eburobritium*, para reutilização. De facto, como se sabe, quer o castelo de Óbidos quer a Quinta da Rainha devem ter absorvido muitos desses materiais e desse templo proveio também o epitáfio de Maximino, duúnviro de *Eburobritium*.¹

¹ Cf. <http://eda-bea.es/>, registo nº 20 034; AE 1936 106.

[D(iis)] M(anibus) / [CAPI]TO AN(norum) / [...]V · AV/
[RELIA?] [...]A / [...] [?]

Aos deuses Manes. Capitão, de... anos. Aurélia (?)...

Caracteres actuários, gravados com goiva. Da linha 1, resta o M, que indicia, sem dúvida, a presença da normal invocação aos deuses Manes. É um M com as hastes da esquerda a cortarem as da direita sensivelmente a meio. Na l. 2, a terminação superior do T (ligeiramente acima da linha); O bem circular, sem vestígio de pontuação a seguir; o A acentua a tendência geral do *ductus* para a esquerda, com barra horizontal um tudo-nada abaixo do meio. Na l. 3, resta a parte superior direita de uma letra que, pela inclinação, deve ser V e, atendendo à sugestão de AN ser, como apontamos, a abreviatura de AN(*norum*), será a última letra do numeral indicativo da idade. Segue-se um ponto redondo e AV será, mui provavelmente, o começo do nome que identifica a/o dedicante: AV/RELIVS ou AV/RELIA. Optamos pelo feminino porque, na l. 4, há a parte superior depois que supomos ser a letra A; ou seja: A seria a terminação do *cognomen* da dedicante.

Não há ideia de como terminaria o texto, que teria, pelo menos, mais uma linha: se apenas F(*aciendum*) C(*uravit*) levar-nos-ia a colocar a epígrafe em meados do século I d. C.; se a fórmula H·S·E·S·T·T·L apontar-se-ia para finais desse século.

Não se nos afigura despicienda a possibilidade de o defunto se chamar *Capito*. Trata-se de um *cognomen* – ou nome único – etimologicamente latino² com, pelo menos, 17 testemunhos registados na epigrafia da Lusitânia romana.³

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

CARLOS PEREIRA

² Mais de 300 testemunhos refere Iiro Kajanto, no conjunto do CIL, desde tempos republicanos: *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 235.

³ Vide NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, p. 132-133, mapa 75.



1



2



509

A ESTELA FUNERÁRIA DE CAPELA, PENAFIEL
(*Conventus Bracaraugustanus*)

Recentemente dada a conhecer, esta extraordinária estela funerária foi achada¹ ao proceder-se ao alargamento da Rua de Oliveira, em Capela, encontrando-se actualmente colocada no jardim de Manuel Coelho (Soeiro, 2013: 313-315)².

Trata-se de uma estela de granito de grão médio a grosso, de forma rectangular, com 140 cm de altura actualmente visível³, uma largura que oscila entre 32 e 55 cm e 20 cm de espessura média, com as faces laterais e posterior apenas desbastadas. O lado frontal é inteiramente ocupado pela representação de uma figura feminina em baixo-relevo, em cujo saio se desenvolve o texto epigráfico. A figura esculpida apresenta-se de saio e torso nu, destacando-se a representação dos seios expostos, sendo que a mão direita, com o punho fechado, parece tocar ou mesmo puxar a extremidade do seio esquerdo, enquanto o braço esquerdo se cruza sobre a barriga, terminando com o punho cerrado sobre a anca (FIG. 1, 2).

¹ Aproximadamente nas coordenadas geográficas 41° 06' 45'' N, 8° 21' 21'' W. *Vide* SOEIRO (Teresa) «Notícia sobre uma nova estela romana figurada de Capela, Penafiel (Portugal)», *VII Reunión de Escultura en Hispania*, (Santiago de Compostela y Lugo, 4-6 de Julio de 2011), 2013, p. 311-323.

² Nas coordenadas geográficas 41° 06' 47.19''N, 8° 21' 09.82''W.

³ À altura visível de 140 cm, como referido, devem adicionar-se outros 50 cm, que corresponderão ao prolongamento liso da estela actualmente cravada no solo, segundo a informação do proprietário transmitida por Soeiro (2013: 314).

Segundo Soeiro (2013: 315, 319), tratar-se-á de «uma *interpretatio* do tema clássico da Vénus pudica», propondo como leitura DIM / PATTERN/AE PO.STA. A autora assinala a existência de outras duas linhas inferiores, com letras mais pequenas e irregulares que tornam a sua leitura particularmente difícil, deixando tal tarefa para os especialistas: desafio esse que tomámos a liberdade de aceitar.

A leitura epigráfica foi realizada a partir do Modelo Residual Morfológico (M.R.M.) obtido directamente sobre o suporte pétreo, através de registo fotogramétrico. Tal processo permite detectar e contrastar as subtis irregularidades do suporte pétreo não observáveis a olho nu, devido ao seu elevado grau de erosão ou por se encontrarem dissimuladas pela sua cor e textura. O processo de restituição dos sulcos originais, ou seja, do texto gravado, decorre em duas etapas: a medição do relevo da rocha nas zonas inscritas e o cálculo do M.R.M.⁴.

Este procedimento foi iniciado com o processamento fotogramétrico de um conjunto de sete fotogramas captados com câmara fotográfica de alta resolução (Canon EOS 5D Mark II – 18,8 Mpixel) por Francisco Albuquerque, em Julho de 2011. Apesar de esta campanha de registo ter tido por objectivo apenas a realização de fotografias de luz rasante da estela, produziu um conjunto de imagens em quantidade suficiente e com características adequadas para processamento fotogramétrico, o que veio a acontecer cerca de um ano depois. Os resultados constituem um excelente exemplo da eficácia e aplicabilidade das emergentes tecnologias de digitalização tridimensional, na qual a fotogrametria digital se inclui, quer pela qualidade da representação morfológica obtida – com resolução espacial de aproximadamente 1 ponto por mm² –, quer por ter permitido a

⁴ PIRES (Hugo), GONÇALVES-SECO (Luís), FONTE (João), PARCERO-OUBANA (Carlos) e FÁBREGA-ÁLVAREZ (Pastor), «Morphological Residuals Model – a mesh decimation filtering tool for detection and contrast of archaeological evidences in point-cloud derived models», *Journal of Cultural Heritage*, 2014, no prelo; CORREIA SANTOS (Maria João), PIRES (Hugo) e SOUSA (Orlando), «Nuevas lecturas de las inscripciones del santuario de Panóias (Vila Real, Portugal): resultados preliminares de un nuevo método de levantamiento epigráfico (*CIL II* 2395a, 2395b, 2395c, 2395d)», *Sylloge Epigraphica Barcinonensis* (SEBarc) XII, Barcelona, no prelo.

utilização de dados provenientes de registos passados realizados com diferente intuito.

A partir deste modelo tridimensional, procedeu-se ao cálculo do M.R.M. através da determinação da forma predominante do objecto. As diferenças morfológicas encontradas entre tal “modelo predominante” e o modelo original são designadas de resíduo morfológico. Os valores obtidos são depois convertidos num mapa hipsométrico de alturas relativas, representando esse mesmo resíduo (FIG. 3).

Concluído o M.R.M., inicia-se o trabalho do epigrafista, que implica, num primeiro momento, a preparação das imagens produzidas e o traçado de todos os resíduos de gravação visíveis, usando-se para o efeito um programa vectorial, a partir de cujos resultados se procede então à leitura e interpretação epigráficas. A grande resolução das imagens com a representação do contraste morfológico obtidas a partir do M.R.M., permite aumentar a imagem centenas de vezes, assim como a aplicação de máscaras de contraste, possibilitando, através deste método, captar e analisar os pormenores mais ínfimos dos resíduos de gravação, sendo susceptível de restituir com exactidão as letras já quase totalmente desaparecidas.

A leitura realizada a partir do M.R.M. da estela, segundo o método descrito, permite completar a leitura de Soeiro, não com duas, mas com outras três linhas (FIG. 4).

Leitura: D(iis) I(nferis) M(anibus) / PATERN/AE PO(suit)
· STA(tuam) / MEMORIA(m) / AN(norum) LX (sexaginta)
R(equiescit) H(ic).

Tradução: «Aos deuses Manes infernais, estátua colocada em memória de Paterna, de 60 anos, (que) repousa aqui.»

Campo epigráfico: 35 x 45 cm.

Altura das letras: l. 1: 12; l. 2: 8-12; l. 3: 7,5-10; l. 4: 7-8,5; l. 5: 7,5 cm.

Texto de caracteres irregulares, em que se destaca, não obstante, como principal característica paleográfica os “M” de hastes prolongadas. O nome da defunta, *Paterna*,

corresponde a um antropónimo latino bastante comum e bem documentado na Península Ibérica.

No que diz respeito ao texto epigráfico, são três os aspectos que mais chamam a atenção e que, além dos “M” de hastes longas, parecem indicar, todos eles, uma datação a partir do século III:

1. O uso da fórmula *D(iis) I(nferis) M(anibus)*⁵, pouco frequente, embora na Península Ibérica seja justamente na *Hispania Citerior* que ocorre a maior concentração de testemunhos⁶;

2. A presença da expressão *sta(tuam) memoria(m)*, com a última forma por extenso;

3. O uso da locução *r(equiescit) h(ic)*⁷, indicando especificamente que o corpo está ali sepultado.

Muito interessante também é a figura feminina representada em baixo-relevo, para a qual é difícil apontar paralelos. Se, por um lado, é possível encontrar um paralelo quase directo em *CIRG* II, 52 de Vigo⁸, no que diz respeito à figuração da cabeça, rosto e orelhas; não se conhece, de momento, qualquer outra representação escultórica do género, associada a contextos funerários.

⁵ RUIZ TRAPERO (María) «Inscripciones funerarias en el mundo romano», in J. C. GALENDE DÍAZ – J. DE SANTIAGO FERNÁNDEZ (dir.), *LX Jornadas Científicas sobre Documentación: La muerte y sus testimonios escritos*, Madrid, 2011, p. 345-364.

⁶ Com catorze monumentos: *IRP*Leon, 225; *IRPP*Palencia, 83; *IV*Valladolid, 1; *SE*Barc, 2, 204; *Auctarium*-N, 78; *Auctarium*-R, 76; *CIL* II, 2640 2464; 2722; 2880; *HEp* 1, 407; *HEp* 6, 184; 702; enquanto na *Baetica* são quatro – *IRP*Ca-diz, 425; *CIL* II, 5364; *EE*, 9; e, na *Lusitania*, também quatro: *CIL* II, 238; *CIL* II, 5312; *AEspA*. 2013, 288; *ERPS*Salamanca, 128.

⁷ Muito embora o corrente, sobretudo em contextos paleocristãos, seja *hic requiescit* / *hic requiescet*. Vide MUÑOZ GARCÍA DE ITURROSPE (María Teresa), *Tradición formular y literaria en los epitafios latinos de la Hispania cristiana*, Vitoria – Gasteiz, 1995, pp. 353-356; GASPAS (Catarina Isabel Sousa), *Inscrições paleocristãs do território português: contributo para o estudo do latim vulgar*, Tese de Doutoramento em Estudos Clássicos apresentada à Universidade de Lisboa, texto policopiado, 2009, p. 146-147, 150; VIVES (José), *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*, Barcelona, 1969, para distribuição geográfica.

⁸ Veja-se também GONZÁLEZ GARCÍA (Francisco Javier), «Hábito epigráfico, decoración plástica e interacción cultural en el Noroeste Hispano en Época Romana. Análisis de las estelas funerarias de Vigo (Pontevedra)», *Madrider Mitteilungen*, 51, 2010, p. 397-418.

Para Soeiro (2013: 315, 319) trata-se da figuração de uma *Venus pudica*, eventualmente associada à defunta. Tal será possível, mas é importante observar alguma cautela quanto a esta interpretação, pois se confrontarmos as representações clássicas deste tema com a figura da estela, vemos que, em lugar de tentar ocultar o seio esquerdo, a figura de Capela parece puxá-lo para baixo, o que se materializa na notória diferença de tamanho em relação ao seio direito; enquanto a mão esquerda, que nas representações de *Venus pudica* procura ocultar a zona púbica, segurando ou não uma peça de roupa, nesta estela pousa sobre a anca.

Em geral, e muito embora não haja também paralelos conhecidos, a figura parece evocar a representação de uma *nutrix*, podendo constituir o retrato⁹ da própria defunta, profissão que na Península Ibérica aparece documentada a partir do século II e III¹⁰ e que, além das escravas, se sabe ter sido igualmente exercida por mulheres livres, devidamente remuneradas pelos seus serviços¹¹. Terá sido esse o caso de Paterna? A ausência de dedicante, não obstante o uso da locução *po(suit)* na l. 3, poderá indicar que foi a própria a encomendar a sua estela funerária ainda em vida,

⁹ Veja-se a este respeito a já mencionada estela de Vigo (*CIRG* II, 52) e outros dois exemplos, tipologicamente distintos, mas igualmente no âmbito do elemento escultórico em contexto funerário: a de São Tomé de Vade – ENCARNACIÓN (José de), «L'épigraphie du village à l'extrême Occident d'Hispania», *L'Epigrafiya del Villaggio*, Actas do VII Colloquio Internazionale sul Tema L'Epigrafiya del Villaggio (Forlì, 27-30.09.1990), Faenza, 1993, p. 237-259 – e a estela de Casar de Cáceres – CALLEJO SERRANO (Carlos), «Simbología funeraria romana de la Alta Extremadura», *Revista de la Universidad Complutense*, vol. XXVI, Homenaje a García y Bellido III, nº 109, 1977, p. 159; *CPILC* 199; BELTRÁN LLORIS (Martín), *Museo de Cáceres*, Madrid 1982, p. 110.

¹⁰ Contando-se um total de sete exemplos (*AE*, 1966, 197; *HEp*, 6, 1996, 520; *CIL*, II, 545; *CIL*, II 3190; *HEp.*, 1, 1989, 525; *HEp.*, 3, 1993, 347; *HEp.*, 4, 1994, 21) e possivelmente oito – vide ÉTIENNE (Robert), FABRE (Georges) et LÉVÊQUE (Pierre et Monique), *Fouilles de Conimbriga. II. Épigraphie et Sculpture*, Paris, 1976, nº 41.

¹¹ Veja-se, a propósito, ALFARO GINER (Carmen), «La mujer y el trabajo en la Hispania prerromana y romana. Actividades domésticas y profesionales», *Mélanges de la Casa de Velázquez*, Nouvelle série, 40 (2), 2010, p. 15-38; DI-MOPOULOU (Athéna), «*Medica, obstetrix, nutrix*: les femmes dans les métiers médicaux et paramédicaux dans l'Antiquité grecque et romaine», en C. ALFARO (coord.), *Más allá de la labor matronalis*, *Saitabi*, 49, nº 2, 1999, p. 207-359.

algo para o qual necessariamente teria de ter liquidez. A ausência de paralelos, porém, aconselha prudência, no que diz respeito a ambas as hipóteses.

Quanto à proveniência, embora a estela corresponda a um achado descontextualizado, a sua proximidade da necrópole romana de Capela, na encosta ocidental da serra de Mozinho (Soeiro 1984: 104)¹², indica que terá sido essa, muito possivelmente, a sua localização original.

Não se sabe, porém, a que tipo de povoado corresponde essa necrópole, ainda que se identifiquem vestígios de época romana no território imediato, como o conjunto de pequenos bronzes do Baixo Império encontrado em São Julião, a apenas 300 m do lugar de achado da estela, inédito e em posse privada; a necrópole de Ordins, situada 2,3 km a NNE; ou as termas de São Vicente do Pinheiro, a menos de 5 km a E (Soeiro, 2013: 314). A não mais de 5 km a N está ainda o castro de Monte Mozinho, ocupado desde o século I e de onde provêm outros elementos escultóricos, cujo melhor exemplo será a possível representação das *Tres Matres*¹³. A ampla área de necrópole que se associa a este povoado inclui núcleos bem diferenciados de incineração, datados pelo espólio no século III, bem como de inumação, a partir do século IV¹⁴, o que estaria de acordo com o horizonte cronológico estimado para esta estela funerária, eventualmente relacionada com outro aglomerado populacional situado algures entre Capela e São Julião.

MARIA JOÃO CORREIA SANTOS
HUGO ARMANDO MIRANDA PIRES

¹² Ver também ANDRADE (Vieira de), «Castro de Entre-os-Rios», *O Arqueólogo Português*, 23, 1918, p. 75.

¹³ ALMEIDA (Carlos Alberto Ferreira), «O templo de Mozinho e o seu conjunto», *Portugalia*, nova série, I, Porto, 1980, p. 51-56.

¹⁴ Veja-se CARVALHO (Teresa Pires), «As necrópoles de Monte Mozinho: resultados preliminares», *Oppidum*, número especial, 2008, p. 83-113.



1



2



3

1 – Fotografia com luz rasante da estela de Capela
[F. Albuquerque].

2 – Modelo de resíduo morfológico bicromático
[H. Pires].

3 – Modelo de resíduo morfológico policromático
[H. Pires].

4 – Traçado do texto sobre modelo de resíduo
morfológico policromático [M. J. C. Santos].

DIAM
PATERN
DEPOSTA
MEMORIA
AN LX. RH.

4

ARA A LOS DIOS EN POZUELO DE ZARZÓN
(CÁCERES)
(*Caurium – Conventus Emeritensis*)

Visitábamos la comarca cacereña de Vegas del Alagón cuando mi buen amigo, el doctor José Antonio Pájuelo Jiménez¹, nos informó del traslado de las inscripciones romanas existentes en la localidad de Pozuelo de Zarzón a la casa parroquial, sita en la calle Héroes de Covadalsa nº 2. Efectivamente allí, en un gran patio abandonado desde hace tiempo, se encontraban varias aras y algunas estelas ya documentadas. Entre ellas nos sorprendió un bloque de granito cubierto por el follaje que resultó contener una inscripción de la que hasta la fecha no se tenía noticias. Nadie nos ha sabido dar información acerca de su procedencia ni de cómo llegó hasta allí.

Se trata de un ara de granito gris rota en la esquina inferior izquierda. En la cabecera lleva dos molduras redondeadas sobre la que se talló una estructura rectangular con tres acanaladuras superiores, la central más ancha y las laterales más estrechas en el lugar de los pulvinos. Un listel de paso al fuste, con cinco líneas de texto. La base está formada por un engrosamiento en forma de moldura también redondeada. Se encuentra en avanzado estado de deterioro y presenta múltiples picaduras que han borrado parte del texto.

¹ Mi agradecimiento al buen doctor por el denuedo en que se afana en la búsqueda de la epigrafía de la zona y por su inestimable ayuda en esta fructífera labor de catalogación de las inscripciones romanas que estamos llevando a cabo.

Dimensiones: 45 x 28 x 26; neto inscrito: 23 x 26.

DEIS CAL/OBED [AI] CE/NSIBVS? SE/VER [VS, A]
+++ /+ NIS V(*otum*) L(*ibens*) S(*olvit*)

A los dioses Calobedaicenses?, Severo-a, hijo-a de... cumplió un voto de buen agrado.

Letras: 1: 4; 2, 3 y 4: 3; 5: 2,5.

Las letras, de bella factura y grabado profundo, son capitales cuadradas y no se aprecia interpunción.

El texto corresponde a una dedicatoria a los dioses de una comunidad desconocida hasta la fecha por parte de un hombre o una mujer de nombre *Severus-a*. El nombre de dicha comunidad no está nada claro, pues algunas letras son inseguras.

Los tres últimos grafos del versus inicial están muy deteriorados y es muy posible la falta de un cuarto. Habida cuenta de las dificultades de lectura del final de esta línea, podría considerarse como la forma sincopada de dativo del tipo *Deabus* en alguna de sus diversas formas. Aunque parece más probable que se correspondan con el comienzo del epíteto que se continúa en las dos líneas siguientes. En el primero de los casos tendríamos en los versos 2 y 3 un epíteto *Obed[.] censibus* u *Obell[.] censibus* – entre la *D* o *L* y la *CE* final del segundo hay espacio para dos letras, posiblemente *AI* –. De esta última forma tenemos un paralelo documentado en una inscripción de la localidad palentina de Valle de Santullán, donde se menciona una divinidad *Obellegino*².

En el supuesto que el epíteto se extendiera al primer verso, podría interpretarse *CAL* o *COL*, y de ambas formas contamos con paralelos en la zona.

En una inscripción de la cercana Garrovillas³ se documentan dos comunidades indígenas: *Caluri* y *Calontensium*; y a algo más de

² ABASOLO ALVAREZ (José Antonio) y ALCALDE CRESPO (Gonzalo), «Obellegino en Cantabria», en M. V. Calleja (coord.) *Actas del III Congreso de Historia de Palencia* (Palencia 1995) I, Palencia 1996, 303-314.

³ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de la provincial de Cáceres I. Norba*, Cáceres 2007, 213. = *CILCC* I.

una decena de km en línea recta de Pozuelo se encuentra la localidad de Valdeobispo, donde contamos con una dedicatoria a los dioses y a las diosas por parte de una comunidad con el mismo radical *Call*-⁴, quizás la misma aquí mencionada.

La base *Cal*- puede corresponder a un derivado de **kalla*- <**kalna* “montaña, otero” o la forma **kal*- que está en la base de algunos hidrónimos europeos⁵.

Tampoco faltan ejemplos con la forma *Col*-. En la pedanía de El Batán, perteneciente a la vecina Guijo de Galisteo, un ara menciona a *Cohuat*⁶, una divinidad que cuenta con varios testimonios en la provincia de Cáceres. Y una inscripción de la no muy lejana localidad portuguesa de Fornos de Algodres (Guarda) documenta una divinidad *Collovesei*⁷.

El segundo componente del epíteto es el determinativo *-beda* que parece proceder del protocelta **bedo*- derivado el indoeuropeo *bhedho*-, presente en los topónimos *Bedunia* (Traguntia, Pozos de Hinojo-Salamanca) y [...]*polibedensis* (Ciudad Rodrigo), en el teónimo *Ilurbeda*⁸ o en los epítetos teonímicos *Cantibidonensis*⁹ y *Biediensis*¹⁰ que llevan la diosa *Erbina* y la *Salus* de Montánchez respectivamente¹¹.

Así pues tendríamos un epíteto sin teónimo con sufijación latina indicadora de origen formado a partir de un compuesto hidronímico *Calobeda* o *Colobeda*.

El dedicante, *Severus-a*, lleva un simple *cognomen*

⁴ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de la provincia de Cáceres III. Capera*, Cáceres 2014, 1120.

⁵ PRÓSPER PÉREZ (Blanca María), *Lenguas y religiones prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Salamanca 2002, 179-180.

⁶ SALAS MARTÍN (José) y HABA QUIRÓS (Salvadora), «Nuevas aportaciones a la epigrafía romana de Extremadura», *Veleia* 4, 1987, 127-133.

⁷ *Pudens/competri/aras ei/Collovesei/Caelonic/o sigo s(acrum)*, en CURADO (Fernando Patricio), «Ara votiva de Furtado», *FE* 17 1986 n° 74.

⁸ HERNANDO SOBRINO (María del Rosario), «A propósito del teónimo *Ilurbeda*. Hipótesis de trabajo», *Veleia* 22, 2005, 153-164.

⁹ CURADO (Fernando Patricio), «As aras da Capela de Santa Marinha (Segura, Idanha-a-Nova)», *Raiano* 166, 1988, 6.

¹⁰ *CILCC* I, 236.

¹¹ Sobre la etimología del epíteto véase: PRÓSPER PÉREZ (Blanca María), 2002, 217-218 y 374.

romano seguido de la filiación, seguramente indígena –quizás *Caenonis* – y, por tanto, se mueve en un ambiente peregrino acorde con el origen indígena del devoto que invoca a los dioses del lugar. En este contexto local se impone la religión romana, pero las viejas creencias no se olvidan y se siguen venerando a los antiguos dioses, aunque solo sea ya de forma genérica.

La cronología de estas inscripciones parece tardía y la mayoría se fecha en el siglo II y sobre todo en el III d. C.¹².

JULIO ESTEBAN ORTEGA



¹² PEREA YÉBENES (Sabino), «Las fórmulas epigráficas *Deus Deave, si Deus si Dea* y *Diis Deabusque*», *Veleia* 15, 1998, 120.